



A MILITANTE E A CARIDADE

Com muita frequência nas nossas reuniões de apostolado de leigos falamos em caridade. Encolhemos os ombros indiferentes aos que, antiquados e simples, vêem na caridade o seu aspecto exterior e concreto de auxílio material - mas que roupagens demos em troca à caridade, à nossa caridade ? De que ideias vagas a vestimos, que ela se dilui despercebida entre as multidões e não é mais um grito de escândalo no egoísmo satisfeito de quase todos ?

Sabemos que Deus, o Deus terrível de Abraão, Isaac e Jacob, é também o Deus do Amor que em cada momento torna possível cada acto da nossa vida e deles faz a teia da nossa vocação e da nossa realização humana. Mas que fazemos do amor do Pai ? E como olhamos pelas coisas do Pai ?

Sabemos que, por pura gratuidade, Deus veio habitar entre nós, e escolheu a pobreza, o anonimato, a humilhação, para nos amar melhor, e que quis ficar entre nós até à consumação dos séculos, no silêncio e na nudez da Hóstia - e como amamos nós Cristo ? onde está a nossa colaboração na sua obra de amor ? No entanto, dizemo-nos cristãos - outros Cristos...

Sabemos que agora permanecem a fé, a esperança e a caridade, mas a maior das três é a caridade - e que fazemos do amor ? reduzimo-lo a palavras vazias, a gestos formais, a actividades sem sentido.

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse caridade, sou como um bronze que soa ou como um címbalo que

tine. E ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e tivesse toda a fé, se não tiver caridade, nada sou".

Que tremendo mistério é este que decide de um modo absoluto do nosso destino humano ? Não fala aqui o apóstolo no plano do conselho mas de algo que é tão fundamental que é condição de vida eterna.

E nós, que nos dizemos cristãs, quantas vezes atropelamos a caridade ? quantos pretextos para não amar, para passar indiferente para que ninguém venha perturbar a calma dum coração fechado. Eu sei que no mundo de hoje tudo ajuda a instalar - há uma razão plausível para todas as misérias, para todas as distrações e para toda a indiferença.

Mas é neste mesmo mundo, nesta maravilhosa 2ª metade do século XX que somos chamadas à nossa vocação de cristãs. É neste momento e para cada um de nós que o Senhor está dizendo : "Dou-vos um mandamento novo - que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei".

Que significa isso - como Eu vos amei ? Como é que Cristo nos ama ?

O Verbo ama-nos no Pai desde toda a Eternidade. Desde sempre, antes mesmo que a terra fosse feita, cada um de nós estava-Lhe presente e Ele conhecia-nos e amava-nos. Ama-nos com a plenitude do Amor - o amor da Segunda Pessoa da SS.ma Trindade, amor infinito, em perpétuo acto de criação.

E esse amor não fica encerrado na Trindade : por Ele tudo foi feito e sem Ele nada foi feito. Mas é por um acto livre de generosidade que Deus nos criou. O amor de Deus é absolutamente espontâneo, foi Deus



que nos amou em primeiro lugar, no pecado, no sofrimento, na limitação do nosso querer e do nosso sentir, nas ilusões da nossa inteligência...

Amou-nos e ama-nos em cada momento da nossa vida.



Há o diálogo que enche todo o Universo, que transcende todos os mistérios possíveis - em cada instante o Filho está procedendo do Pai e entre o Pai e o Filho estabelece-se o diálogo sem palavras do Amor - e esse laço vivo de Amor entre duas Pessoas vivas é o Espírito Santo. E é nesse acto constantemente renovado, sem mudança nem descontinuidade, no fluir sem paragem nem alteração duma eternidade insondável, que cada um de nós é, que todas as coisas existem, que a vida nasce.

Porque existimos, somos chamados a participar do próprio mistério da vida íntima de Deus. Deus podia ter-nos criado sem nos ter convidado ao amor, cérebros e vontades à procura dum destino.

Fundação Cuidar o Futuro

Esta é a grande, a única vocação da nossa vida, sem a qual nos negamos a nós próprios. A nossa missão no mundo é essa, viver o Amor. Por isso o Apóstolo diz que a um foi dado o dom das linguas segundo o Espírito; a outro, o dom das profecias segundo o mesmo Espírito...

O que nos distingue só ganha sentido pelo Amor, só é explicado por Amor. E é Cristo o padrão desse amor a que somos chamados.

À inquietação dos homens Cristo veio dar resposta. Não como um Mestre qualquer. Não um que amasse muito os homens - já antes dele, profetas, heróis, filósofos, sacerdotes tinham amado a humanidade. Mas Ele veio e amou-os, e, "amando-os, amou-os até ao fim". E explicou-lhes qual era o primeiro mandamento : amar a Deus sobre todas as coisas, com toda a alma. E disse-lhes que medida tinha esse amor : "o meu alimento é fazer a vontade de meu Pai que está nos Céus".



Cada adesão individual a Cristo é a continuação, o prolongamento da submissão total do Filho ao Pai. A vida cristã não é senão a participação neste amor total. É Cristo o modelo do amor ao Pai. É Ele também que nos revela o mistério da sua união com o Pai, a plenitude de vida do Deus vivo. Com Ele aprendemos a amar o Pai - a estabelecer um diálogo constante com Ele, a estar constantemente na Sua presença, certos de que, vigilante e com amor infinito, nos escuta e nos vê em cada instante, a orarmos com a comunidade dos fieis, louvando, bendizendo, pedindo, a retirarmo-nos para o monte ou para o deserto para orarmos melhor, a precedermos toda a vida activa duma profunda contemplação do Seu mistério e do Seu amor, a integrarmos toda a vida numa visão consciente do Seu amor actuante por nós - numa palavra, a vivermos em espírito de oração e a cultivarmos a oração na nossa vida. A oração é assim a expressão do nosso Amor, o sinal da nossa participação no Mistério da SS.ª Trindade. Deve ser portanto, de tudo o que integra a nossa vida, a realidade mais profundamente vivida e a mais ardentemente procurada.

É esta presença de amor a um Ser invisível mas o Único, o Senhor de todas as coisas, o primeiro testemunho da rapariga cristã. Ser para todos os outros motivo de inquietação, apelo de Deus, convite ao Amor. Realizar afinal o que sabemos desde crianças - que existimos para amar, louvar e servir a Deus. Sermos perante os outros um cântico de amor a Deus. Não, não é preciso fazer nada. O que conta é ser. Ter a coragem de parar e dizer : Deus está primeiro; tê-l'O em nós.

Falamos muito no apostolado do exemplo mas limitamo-lo a fazermos coisas certas e boas que os outros possam ver. Na verdade, o apostolado do exemplo é muito mais - deve ser para nós, mulheres cris-

tãs, a irradiação serena e luminosa do que se é, da plenitude com que se vive o amor, da intensidade com que se é outro Cristo. Que, perante nós, os outros sintam que há outras realidades para além das teorias, que há um Amor que os espera, que há uma loucura que os convida a ultrapassarem-se e a seguirem o Crucificado porque só esse amou sem medida.

Receamos às vezes demais darmos o nosso tempo e o nosso coração a Deus - pensamos que as tarefas concretas do apostolado foram prejudicadas. Esquecemos que o primeiro apostolado é essa presença de outros Cristos. Julgamos poder dizer coisas, consolar, dizer palavras de vida eterna sem o convívio continuado com Deus - esquecemo-nos de que a boca fala da abundância do coração.

Mas Cristo não nos ensinou só a amar o Pai. Ao mesmo tempo, disse que havia outro mandamento, tão grande como o primeiro - que ames o teu próximo como a ti mesmo. E mostrou o que significa esse amor - não hesitou em lavar os pés aos discípulos. Ensinou-nos então que esse Amor se traduz muitas vezes em serviço. Participou nas bodas de Caná e no desgosto da família de Lázaro - e mostrou-nos então que o amor nos identifica com os que amamos. Criticou violentamente os fariseus e teve palavras de doçura para a mulher pecadora - e ensinou-nos a só julgarmos pela capacidade de amor que há em todas as almas. Teve uma imensa paciência com Pedro e uma ternura silenciosa para com João - ensinou-nos a amar cada um na sua verdade humana e duma maneira nova. Ensinou-nos que a primeira atitude interior de amor perante os outros é a tradução de que cada um é a expressão dum mistério. Mistério presente em todas as coisas criadas mas que ganha a sua forma mais densa no ser humano. - (Ler Corçãe - as rosas)



O amor, porque pressente o mistério do outro, adivinha-lhe os problemas e anseios e identifica-se com eles. É deste amor que o Apóstolo diz que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Mas o ensinamento de Cristo não se limita a mostrar-nos o caminho. É um ensinamento que urge. Por onde quer que os outros andem, o nosso amor tem de ir aí buscá-los, sem descanso nem pausa. Porque o amor verdadeiro deseja comunicar-se e dá a vida por aqueles que ama. É aí que nascem todas as atitudes e actividades concretas do apostolado.

S. João insiste particularmente neste amor entre os homens e na sua relação com o amor a Deus. "Ninguém jamais viu a Deus. Porém, se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e a sua caridade em nós é perfeita. E mais adiante : "Se alguém disser : Eu amo a Deus, e odiar o seu irmão, é um mentiroso. Porque aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê ? E nós temos de Deus este mandamento : Que aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão". Eu sei como habitualmente interpretamos esta frase : não, eu não odeio ninguém, portanto isto a mim não se aplica. Insensivelmente pensamos nas pessoas de quem gostamos e sentimos que por elas o nosso amor é verdadeiro, e assim é também o nosso amor a Deus. Ora não é esse amor que dá a medida do nosso amor a Deus. É o amor que temos por aqueles de quem gostamos menos que dá a medida do nosso amor a Deus.

Não pretende tão pouco o apóstolo referir-se a um sentimento frouxo e meramente intelectual. É ele que no Apocalipse tem estas palavras terríveis : "Conheço as tuas obras, que não és nem frio nem quente; oxalá foras frio ou quente; mas porque és morno, e nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca". Não tenhamos medo



Fundação Cuidar o Futuro

de amar muito, porque essa é a medida da nossa santidade e da nossa realização humana.

É que a santidade é o amor paciente e perseverante.

É o amor paciente. É a participação na paciência de Deus. Conhecer o tempo das coisas, de cada coisa. Paciência de aceitar que a nossa vocação aos poucos se nos revele e que só na plenitude do tempo que Deus conhece nos seja dado penetrar o seu segredo. (Ler Guardini)

Paciência de aceitar os limites dos outros, sem violência nem desordem, de deixar que neles se faça a obra de Deus, de acreditar firmemente e concretamente que, quando se fecham todas as portas e parecem cortados todos os caminhos, o Espírito paciente está vigilante - e o seu caminho permanece aberto.

A santidade é o amor perseverante. Recomeçar em cada dia, em cada instante. Não num vago amanhã, mas hoje. Não deixar que nos gastem as desilusões nem que nos deslumbrem as coisas fáceis. Serenamente continuar e recomeçar.

A santidade não tem fórmulas. É a liberdade dos filhos de Deus.

Outubro de 1957

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

